



**MIA COUTO**

*A confissão da leoa*

MIA COUTO

# A Confissão da Leoa



Explicação inicial

*Versão de Mariamar* (1)

A notícia

*Diário do caçador* (1)

O anúncio

*Versão de Mariamar* (2)

O regresso do rio

*Diário do caçador* (2)

A viagem

*Versão de Mariamar* (3)

Uma ilegível memória

*Diário do caçador* (3)

Uma longa e inacabada carta

*Versão de Mariamar* (4)

A estrada cega

*Diário do caçador* (4)

Rituais e emboscadas

*Versão de Mariamar* (5)

Uns olhos de mel

*Diário do caçador* (5)

O osso vivo da hiena morta

*Versão de Mariamar* (6)

Um rio sem mar

*Diário do caçador* (6)

O reencontro

*Versão de Mariamar* (7)

A emboscada

*Diário do caçador* (7)

O demónio santo

*Versão de Mariamar* (8)

Sangue de fera, lágrima de mulher

*Diário do caçador* (8)

Flores para os vivos

## Explicação inicial

*Em 2008, a empresa em que trabalho enviou quinze jovens para atuarem como oficiais ambientais de campo durante a abertura de linhas de prospecção sísmica em Cabo Delgado, no Norte de Moçambique. Na mesma altura e na mesma região, começaram a ocorrer ataques de leões a pessoas. Em poucas semanas, o número de ataques fatais atingiu mais de uma dezena. Esse número cresceu para vinte em cerca de quatro meses.*

*Os nossos jovens colegas trabalhavam no mato, dormindo em tendas de campanha e circulando a pé entre as aldeias. Eles constituíam um alvo fácil para os felinos. Era urgente enviar caçadores que os protegessem. Essa urgência somava-se, é claro, à necessidade de proteção dos camponeses da região. Sugerimos à companhia petrolífera que tomasse em suas mãos a superação definitiva dessa ameaça: a liquidação dos leões comedores de pessoas. Dois caçadores experientes foram contratados e deslocaram-se de Maputo para a Vila de Palma, povoação onde se centravam os ataques dos leões. Na vila eles recrutaram outros caçadores locais para se juntarem à operação. O número de vítimas mortais, entretanto, tinha subido para vinte e seis.*

*Os caçadores passaram por dois meses de frustração e terror, acudindo a diários pedidos de socorro até conseguirem matar os leões assassinos. Mas não foram apenas essas dificuldades que enfrentaram. De forma permanente lhes era sugerido que os verdadeiros culpados eram habitantes do mundo invisível, onde a espingarda e a bala perdem toda a eficácia. Aos poucos, os caçadores entenderam que os mistérios que enfrentavam eram apenas os sintomas de conflitos sociais que superavam largamente a sua capacidade de resposta.*

*Vivi esta situação muito de perto. Frequentes visitas que fiz ao local onde decorria este drama sugeriram-me a história que aqui relato, inspirada em factos e personagens reais.*

*Até que os leões inventem as suas próprias histórias, os caçadores  
serão sempre os heróis das narrativas de caça*

Provérbio africano

*Versão de Mariamar*  
(1)

A notícia

*Bendito seja o leão que o homem comerá e o leão em humano se tornará; e maldito seja o homem que o leão comerá, e o leão se tornará humano.*

Evangelho segundo Tomás

Deus já foi mulher. Antes de se exilar para longe da sua criação e quando ainda não se chamava Nungu, o atual Senhor do Universo parecia-se com todas as mães deste mundo. Nesse outro tempo, falávamos a mesma língua dos mares, da terra e dos céus. O meu avô diz que esse reinado há muito que morreu. Mas resta, algures dentro de nós, memória dessa época longínqua. Sobrevivem ilusões e certezas que, na nossa aldeia de Kulumani, são passadas de geração em geração. Todos sabemos, por exemplo, que o céu ainda não está acabado. São as mulheres que, desde há milénios, vão tecendo esse infinito véu. Quando os seus ventres se arredondam, uma porção de céu fica acrescentada. Ao inverso, quando perdem um filho, esse pedaço de firmamento volta a definhar.

Talvez por essa razão a minha mãe, Hanifa Assulua, não tenha parado de contemplar as nuvens durante o enterro da sua filha mais velha. A minha irmã, Silência, foi a última vítima dos leões que, desde há algumas semanas, atormentam a nossa povoação.

Porque morreu desfigurada, deitaram o que lhe sobrava do corpo sobre o lado esquerdo, com a cabeça virada para o Nascente e os pés virados para Sul. Durante a cerimónia, a mãe parecia dançar: vezes sem conta ela se inclinou sobre um cântaro feito por suas próprias mãos. Aspergiu água sobre a terra em volta que, depois, calcou com ambos os pés, com o mesmo embalo de quem semeia.

No regresso do funeral, havia demasiado céu nos olhos da minha pobre mãe. O caminho até casa era apenas de uns passos: o cemitério familiar ficava nas cercanias da aldeia. Hanifa fez uma breve passagem pelo rio Lideia para os banhos purificadores, enquanto, mais atrás, eu apagava as pegadas que conduziam à sepultura.

— *Sacudam os pés, as poeiras gostam de viajar.*

No chão sagrado do nosso cemitério figurava mais uma cruz a mostrar que éramos distintos, entre muçulmanos e pagãos. Hoje eu sei: colocamos uma lápide sobre os mortos, não é por respeito. É por medo. Temos receio de que regressem. Esse medo, com o tempo, torna-se maior que a saudade.

Todos os familiares respeitaram o mando: o carreiro de regresso foi bem diverso do usado na ida. Todavia, a imagem pegajosa não arredava da minha cabeça: o corpo de Silência erguido em ombros, envolto em panos brancos que balançavam como asas quebradas.

Na soleira da nossa porta, a mãe olhou a casa como se a culpasse: tão viva, tão antiga, tão eterna. A nossa casa diferia das demais palhotas. Era feita de cimento, com telhados de zinco, apetrechada de quartos, sala e cozinha interior. Sobre o chão espalhavam-se tapetes e nas janelas pendiam poeirentos cortinados. Nós também éramos diferentes dos demais habitantes de Kulumani. Sobretudo a minha mãe, Hanifa Assulua, era distinta, assimilada e filha de assimilados. No regresso do funeral reparei como era bela: mesmo com o cabelo rapado, em obediência ao luto, o seu rosto vencia a tristeza. Por um tempo, fitou-me como se avaliasse quanto eu lhe era preciosa. Pensei que havia maternal ternura nesse olhar. Não era assim. Outro sentimento lhe desenhara as palavras:

— *Não terás nunca que passar por tristezas de mãe.*

— *Por favor, mamã, acabei de perder a minha irmã* — disse eu.

— *Não perderás nunca uma filha. Foi Deus que assim quis.*

E virou costas. Já descalça, venceu a porta e se afundou na cama. Pode-se enterrar uma filha, sim. Ela já o fizera antes. Mas não se regressa nunca dessa despedida. Ninguém pede mais a atenção de uma mãe que um filho morto.

Meu pai pediu, então, às mulheres do choro que se retrisassem do nosso terreiro. Entrou na penumbra da casa e debruçou-se sobre a mulher para lhe perguntar:

— *Por que rapou o cabelo? Não somos cristãos?*

Hanifa encolheu os ombros. Naquele momento, ela não era coisa nenhuma. Findara o lamento das carpideiras e ela não sabia lidar com tão vasto silêncio.

— *E o que fazemos agora, ntwangu?*

Como todas as mulheres de Kulumani, chamava o marido por *ntwangu*. O homem chamava-se Genito Serafim Mpepe. Por razão de respeito, porém, a mulher nunca se dirigia a ele pelo nome. Éramos assimilados, sim, mas pertencíamos demasiado a Kulumani. Todo o nosso presente era feito de passado. Naquele momento, anichando-se junto dela, o marido falou-lhe com suavidade a que ela não estava habituada, cada palavra uma nuvem reparando os céus.

— *O que fazemos agora? Ora, agora... agora, vivemos, mulher.*

— *Eu já não sei viver, ntwangu.*

— *Ninguém sabe. Mas é isso que a nossa filha nos pede: que vivamos.*

— *Não me fale sobre o que a nossa filha pediu. Você nunca a escutou.*

— *Agora não! Agora não, mulher.*

— *Não entendeu a minha pergunta: o que fazemos com a parte da nossa filha que não enterrámos?*

— *Não quero falar disso. Vamos dormir.*

Ela soergueu-se, apoiada num cotovelo. Os olhos estavam rasgados como os de um afogado.

— *Mas a nossa Silênciã...*

— *Calada, mulher! Esqueceu que não podemos nunca mais pronunciar o nome da nossa filha?*

— *Eu preciso saber: que partes do corpo enterrámos?*

— *Já disse para se calar, mulher.*

Um tremor de folha na sua voz: meu pai brigava com infernos interiores. O ensanguentado saco contendo os restos da filha ainda pingava na sua memória. E, de novo, a insepultável lembrança o assaltou: o tropel de vozes e espantos que o despertara na anterior madrugada. Genito Mpepe cruzara o pátio, adivinhando a tragédia. Momentos antes, ele tinha escutado os leões rondando a casa. De repente, rugidos, gritos e lamentos dissolveram-se no vazio, o mundo afundado aos pedaços: nada mais restava dentro dele. Para tanto esquecer é preciso não ter nunca vivido.

— *O coração? — voltou a inquirir Hanifa.*

— *Outra vez? Eu não disse que se calasse?*

— *Enterrámos o coração? Você sabe bem o que fazem com o coração...*

O meu pai respirou fundo, contemplou as velhas roupas penduradas no

interior do telhado. Não se sentiu diverso daquele vestuário, tombando informe e sem alma no vazio. A voz regressou-lhe, já mansa:

— *Pense assim, mulher: não há cova para um filho.*

— *Não quero ouvir, vou sair.*

— *Sair?*

— *Vou buscar o que resta da nossa filha por aí pelo mato...*

— *Não vai. Daqui de casa você não sai.*

— *A mim ninguém me vai impedir.*

Sairia de casa, sim, andaria por onde já não há caminhos de gente, os seus pés sangrariam, queimar-se-iam os olhos de encontro ao Sol, mas iria buscar o que restava de Silência, a sua eterna menina. Barrando-lhe a passagem, o marido ameaçou:

— *Vou atá-la com uma corda, como se faz com os bichos.*

— *Pois me amarre. Há muito que sou um bicho. Há muito que você dorme com um bicho na sua cama...*

Era a pedra sobre o assunto: Hanifa enroscou os braços nas pernas, em silêncio, como se quisesse render-se ao sono.

— *Vai dormir no chão?* — inquiriu Genito.

Ela estendeu o corpo no chão, a cabeça assente na pedra. A sua intenção era escutar as entranhas do mundo. As mulheres de Kulumani sabem segredos. Sabem, por exemplo, que dentro do ventre materno os bebês, a um dado momento, mudam de posição. Em todo o mundo, eles rodam sobre si próprios, obedecendo a uma única e telúrica voz. Acontece o mesmo com os mortos: numa mesma noite — e só pode suceder nessa noite — eles recebem ordem para se revirarem no ventre da terra. É então que, à superfície das campas, emergem luzes, um revolutear de prateadas poeiras. Quem dorme com o ouvido de encontro ao chão escuta essa circunvolução dos defuntos. Por essa razão, que Genito desconhecia, Hanifa recusou leito e travesseiro. Estendida no solo, ficou escutando a terra. Não tardaria que a filha se fizesse sentir. Quem sabe até as gêmeas Uminha e Igualita, as antigas falecidas, lhe entregassem recados do outro lado do mundo?

O marido não se deitou: sabia que o esperava uma longa noite. A lembrança do corpo dilacerado da filha lhe afugentaria o sono. O rugido do leão ecoaria dentro de si, rasgando-lhe as horas. Ficou um tempo na varanda a perscrutar o escuro. Talvez essa quietude lhe trouxesse repouso. Mas o silêncio é um ovo às avessas: a casca é dos outros, mas quem se quebra somos nós.

Uma dúvida o amargurava: como acontecera aquela tragédia? A filha teria saído de casa a meio da noite? E se assim acontecera, teria ela a intenção de pôr cobro à vida? Ou, ao inverso, o leão invadira o espaço caseiro, em jeito mais de ladrão do que de fera?

De repente, o mundo inteiro se estilhaçou: furtivos passos riscaram o sossego do mato. O coração de Genito lhe cresceu mais do que o peito. Estava acontecendo aquilo que sempre sucede: os leões vinham comer os restos do dia anterior.

Inesperadamente, como se ficasse possesso, o homem desatou aos berros, enquanto corria em círculos:

— *Sei que estão aí, filhos do demônio! Mostrem-se, quero ver-vos sair do mato, vocês são vantumi va vanu!*

Da janela o vi nesse agitado delírio, reclamando contra os leões-pessoas, os *vantumi va vanu*. Inesperadamente, tombou desamparado como se lhe tivessem quebrado os joelhos. Ergueu o rosto lentamente e viu que escuras asas de morcego o abraçavam. Não se escutava um ruído, nem folha nem asa crepitavam por cima da sua cabeça. Genito Mpepe era pisteiro, sabia dos imperceptíveis sinais da savana. Muitas vezes ele me dissera: só os humanos sabem do silêncio. Para os demais bichos, o mundo nunca está calado e até o crescer das ervas e o desabrochar das pétalas fazem um enorme barulho. No mato, os bichos vivem de ouvido. Era o que meu pai, naquele momento, invejava: ser um bicho. E, longe dos humanos, regressar à sua toca, adormecer sem pena nem culpa.

— *Eu sei que estão aí!*

Desta vez, as suas palavras já não carregavam raiva. Apenas a rouquidão lhe fazia murchar a voz. Repetindo os impropérios, retornou a casa para se refugiar no quarto. A mulher permanecia enroscada, estendida no chão, tal como a havia deixado. Quando lhe ajeitou a manta, Hanifa Assulua, estremunhada, apertou com veemência o corpo do marido e exclamou:

— *Vamos fazer amor!*

— *Agora?*

— *Sim. Agora!*

— *Você está muito desencadeada, Hanifa. Não sabe o que está dizer.*

— *Recusa-me, marido? Não quer fazer um agorinha comigo?*

— *Você sabe que não podemos. Estamos de luto, a aldeia vai ficar suja.*

— *É isso que eu quero: sujar a aldeia, sujar o mundo.*

— *Hanifa, escute bem: o tempo vai passar, a gente vai esquecer. As pessoas esquecem até que estão vivas.*

— *Há muito que eu não vivo. Agora, já deixei de ser pessoa.*

Meu pai olhou-a, desconhecendo-a. A mulher nunca falara assim. Aliás, ela quase não falava. Sempre fora contida, guardada em sombra. Depois de morrerem as gêmeas, ela deixou de pronunciar palavra. De tal modo que o marido, de vez em quando, lhe perguntava:

— *Você está viva, Hanifa Assulua?*

Não era, porém, a fala que era pouca. A vida, para ela, tornara-se um idioma estrangeiro. Mais uma vez, a esposa se preparava para essa ausência, pensou Genito, sem reparar que, no escuro, Hanifa se estava despindo. Já nua, ela o abraçou por trás e Genito Mpepe deixou-se sucumbir perante aquele aconchego de serpente. Parecia rendido quando, de supetão, sacudiu a mulher e se retirou com passo estugado para o pátio exterior. E logo desapareceu no escuro.

No côncavo do quarto, minha mãe se entregou a ousadas carícias como se o seu homem realmente lhe comparecesse. Desta feita, ela comandava, galopando na sua própria garupa, dançando sobre o fogo. Suava e gemia:

— *Não pare, Genito! Não pare!*

Foi então que sentiu o cheiro do suor. Ácido e intenso, como o dos bichos. Depois, escutou o ronco. A minha mãe ocorreu, então, que por cima dela não estava o seu homem, mas um bicho dos matos, sequioso de seu sangue. Durante o ato amoroso, Genito Mpepe se convertera numa fera que literalmente a devorava. Dissolvida na avidez do outro, ela permanecia paralisada, à mercê dos seus felinos apetites.

Estou louca, pensou, enquanto fechava os olhos e inspirava fundo. Quando, porém, sentiu a garra rasgar-lhe o pescoço, Hanifa gritou a tais plenos pulmões que ela, por um instante, desconheceu se era de dor ou prazer. Meu pai acudiu, sem suspeitar do que se passava. A esposa cruzou a porta em sentido inverso e Genito foi incapaz de evitar que ela, em desatinada correria, desembocasse no pátio.

Se fosse dona da sua vontade, a nossa mãe teria fugido para longe, numa correria sem fim. Mas Kulumani era um lugar fechado, cercado pela geografia e atrofiado pelo medo. Uma vez mais, Hanifa Assulua estancou à entrada do quintal, junto à vedação das espinhosas que nos protegiam do mato. Levou as mãos à cabeça, desceu-as pelo rosto, como se afastasse uma teia de aranha:

— *Matei este lugar! Matei Kulumani!*

Eis o que a aldeia iria dizer: que a mulher de Genito Serafim Mpepe não deixara o chão esfriar. Sexo em dia de luto, quando a aldeia estava ainda quente: não havia pior contaminação. Ao fazer amor naquele dia — e mais ainda ao fazer amor consigo mesma — Hanifa Assulua ofendera todos os nossos antepassados.

Regressada ao seu leito, a minha pobre mãe carregou a noite às costas, vogando entre sono e vigília. Já madrugada, sentiu os sonolentos passos de Genito Mpepe.

— *Levantou-se cedo, marido?*

Todas as madrugadas a nossa mãe se antecipava ao Sol: colhia lenha, buscava água, acendia o fogo, preparava o comer, laborava na machamba, avivava o barro, tudo isso ela fazia sozinha. Agora, sem razão aparente, o marido dividia com ela o peso da realidade?

— *Tenho uma notícia* — anunciou, grave, Genito Mpepe.

— *Notícia? Você sabe, ntwangu: em Kulumani toda a notícia é um piar de mocho.*

— *Vão chegar pessoas. Pessoas de fora.*

— *Pessoas? Pessoas de verdade?*

— *Vêm da capital.*

Minha mãe ficou calada, a fazer contas ao espanto. O marido inventava. Havia séculos que ali não chegavam nem notícias nem estranhos...

— *Há quanto tempo você sabe dessa novidade?*

— *Uns dias.*

— *Sabe que é pecado.*

— *O quê?*

— *É perigoso saber notícias, é pecado espalhar novidades. Acha que Deus nos vai perdoar?*

Sem esperar resposta, Hanifa agitou os braços, como se repelisse fantasmas, enredando-se nas folhagens que a emolduravam. Levou a mão ao ombro e confirmou o escorrer do sangue.

— *O que foi isto, ntwangu? Quem me arranhou?*

— *Ninguém. Os espinhos, foram os espinhos da acácia. Tenho que capar essa árvore.*

— *Não foi a árvore. Alguém me arranhou. Veja o meu ombro: são unhas, alguém me esgatanhou.*

E discutiram. Mas ambos estavam certos. Na aldeia, até as plantas tinham garras. Tudo o que é vivo, em Kulumani, está treinado para morder. As aves abocanham o céu, os ramos rasgam as nuvens, a chuva morde a terra, os mortos usam os dentes para se vingarem do destino. Esgazeados, os olhos de Hanifa patrulharam o bosque. Um medo de gazela se espelhou no rosto.

— *Há alguém no escuro, ntwangu.*

— *Acalme-se, mulher.*

— *Há alguém a escutar-nos. Vamos para dentro de casa.*

As primeiras luzes do dia começavam a despertar: não tardava que se pudesse circular dentro de casa sem ajuda da lamparina. Por cima do armário, o candeeiro a petróleo, o xifefo, ainda tremeluzia. De repente, Hanifa voltou a sentir a doce ilusão de ter uma lua na cozinha. Já que não lhe coubera o sol, restava-lhe um teto enluarado. Ganhou confiança e pensou em desafiar o marido, proclamando alto e bom som:

— *Não quero mais aqui nenhum dos seus familiares. Correm hoje para as condolências. Amanhã, quando eu ficar viúva, correrão mais depressa para me roubarem tudo.*

Nada disse, porém. Ela já se considerava viúva. Faltava apenas que Genito Mpepe se compenetrasse da sua própria ausência.

— *Marido: esses que vão chegar são mesmo pessoas?*

— *Sim, são.*

— *Tem a certeza?*

— *Pessoas autenticadas, pessoas de nascença. Entre elas vem um caçador.*

O balde que trazia na mão esquerda tombou, a água rolou pelo pátio. A vassoura na mão de Hanifa era agora uma espada repelindo demónios.

— *Um caçador?* — inquiriu, num sussurro.

— *É ele, é esse mesmo que você está a pensar: o caçador mulato.*

Num primeiro momento, a mulher permaneceu imóvel. De súbito, a decisão tomou conta dela: ajeitou os chinelos nos pés, cobriu a cabeça com um lenço e proclamou as despedidas.

— *Onde vai, mulher?*

— *Não sei, vou fazer o que você nunca fez. Vou para a estrada, vou emboscá-lo, vou matar esse caçador. Esse homem não pode chegar a Kulumani.*

— *Não seja louca, mulher. Precisamos dele, precisamos que matem esses malditos leões.*

— *Você não entende, ntwangu? Esse homem vai levar-me Mariamar, vai levar a minha última filha para a cidade.*

— *Prefere que Mariamar seja morta por leões?*

A mulher não respondeu. Preferir não era um verbo feito para ela. Quem nunca aprendeu a querer como pode preferir?

— *Se não me deixar sair agora, marido, eu juro que vou fugir.*

O homem agarrou-a pelos pulsos e empurrou-a de encontro ao velho armário, derrubando a lamparina. Hanifa viu a sua pequena lua se desfazer em chamas azuladas, dispersas no chão da cozinha.

— *Eu preciso impedir esse mulato* — suspirou, vencida.

Decidi então intervir, em defesa de minha mãe. Ao me ver sair da penumbra, as fúrias redobraram em meu pai: ergueu o braço, pronto para impor o seu reinado.

— *Vai-me bater, pai?*

Ele fitou-me, perplexo: sempre que me assomam raivas, os meus olhos se clareiam, incandescentes. Genito Mpepe baixou o rosto, incapaz de me enfrentar.

— *Sabe quem chamou o caçador?* — perguntei.

— *Toda a gente sabe: foram os do projeto, esses da empresa* — respondeu meu pai.

— *Mentira. Quem chamou o caçador foram os leões. E sabe quem chamou os leões?*

— *Não vou responder.*

— *Fui eu. Fui eu que chamei os leões.*

— *Vou dizer-lhe uma coisa, escute bem* — declarou, zangado, nosso pai. — *Não olhe para mim enquanto falo. Ou já perdeu o respeito?*

Baixei os olhos, como fazem as mulheres de Kulumani. E voltei a ser filha enquanto Genito reganhava a autoridade que, por momentos, lhe havia escapado.

— *Quero-a aqui fechada quando chegar esse caçador. Está a ouvir?*

— *Sim.*

— *Enquanto essa gente estiver em Kulumani, você nem desponha o nariz fora de casa.*

O silêncio se reinstalou no quarto. Eu e a mãe sentámo-nos no chão como se fosse o último lugar no mundo. Toquei o seu ombro num esboçado gesto de conforto. Ela desviou-se. Num instante, estava refeita a ordem do universo: nós, mulheres, no chão; o nosso pai passeando-se dentro e fora da cozinha, a exhibir posse da casa inteira. De novo nos regíamos por essas leis que nem Deus ensina nem o Homem explica. De repente, Genito Mpepe parou no meio do recinto, abriu os braços e proclamou:

— *Eu sei qual é a solução: deixamos esse mulato entrar; deixamos que ele mate os leões. Mas, depois, não o deixamos sair.*

— *Vai matá-lo?* — perguntei, a medo.

— *Sou pessoa de matar gente? Quem o vai matar é você.*

— *Eu?*

— *Quem o vai matar são os leões que você chamou.*

*Diário do caçador*  
(1)

O anúncio

*Só há um modo de escapar de um lugar: é sairmos de nós.  
Só há um modo de sairmos de nós: é amarmos alguém.*

Excerto roubado aos cadernos do escritor

São duas da manhã e o sono não me chega. Daqui a algumas horas anunciam o resultado do concurso. Saberei então se fui selecionado para dar caça aos leões de Kulumani. Nunca pensei que essa escolha me alvoroçasse tanto. Preciso tanto de dormir! Não é descanso que procuro. Quero, sim, ausentar-me de mim. Dormir para não existir.



É quase manhã e eu ainda brigo com os lençóis. Não tenho outra doença: a insónia intercalada por sonos breves e estremunhados. Afinal, durmo como os bichos que persigo por profissão: a salteada vigília de quem sabe que demasiada ausência pode ser fatal.

Para chamar o sono, recorro ao mesmo expediente que a minha mãe usava para nos adormecer. Recordo a sua historieta preferida, uma lenda da sua terra natal. Era assim que ela contava:

*Antigamente, não havia senão noite. E Deus pastoreava as estrelas no céu. Quando lhes dava mais alimento elas engordavam e a sua pança abarrotava de luz. Nesse tempo, todas as estrelas comiam, todas luziam de igual alegria. Os dias ainda não haviam nascido e, por isso, o Tempo caminhava com uma perna só. E tudo era tão lento no infinito firmamento! Até que, no rebanho do pastor, nasceu uma estrela com ganância de ser maior que todas as outras. Essa estrela chamava-se Sol e cedo se apropriou dos pastos celestiais, expulsando para longe as outras estrelas que começaram a definharem. Pela primeira vez houve estrelas que pensaram e, magrinhas, foram engolidas pelo escuro. Mais e mais o Sol ostentava grandeza, vaidoso dos seus domínios e do seu nome tão masculino. Ele, então, se intitulou patrão de todos os astros, assumindo arrogâncias de centro do Universo. Não tardou a proclamar que ele é que tinha criado Deus. O que sucedeu, na verdade, é que, com o Sol, assim soberano e imenso, tinha nascido o Dia. A Noite só se atrevia a aproximar-se quando o Sol, já cansado, se ia deitar. Com o Dia, os homens esqueceram-se dos tempos infinitos em que todas as estrelas brilhavam de igual felicidade. E esqueceram a lição da Noite que sempre tinha sido rainha sem nunca ter que reinar.*

Esta era a lenda. Quarenta anos mais tarde esse embalo materno não produz efeito. Não tardo a saber se volto para o mato, onde os homens esqueceram todas as lições. Será a minha última caçada. E, de novo, ecoa em mim a primeira de todas as vozes: « *E tudo era tão lento no infinito firmamento!* » .



Manhã cedo, maldormido, preparo-me para me deslocar à sede do jornal, a

dois quarteirões de minha casa. Antes de sair, porém, retiro do armário a minha velha espingarda. Coloco-a sobre as pernas e as minhas mãos tateiam-na com o carinho de um violinista. O meu nome está gravado na culatra: *Arcanjo Baleiro — caçador*. O meu velho pai deve estar orgulhoso de como, em mim, se prolongou a velha tradição da família. Foi essa tradição que nos afeiçãoou o nome: nós somos os das balas, os Baleiros.



Sou caçador, sei o que é perseguir uma presa. Toda a minha vida, porém, fui eu o perseguido. Um tiro de espingarda persegue-me desde a infância. Esse disparo me atirou, há quarenta anos, definitivamente, para fora do sono. Eu era menino e dormia com essa competência que só as crianças alcançam. A detonação rasgou a noite e o mundo. Não sei como, na altura, percorri o longo corredor: os meus pequenos pés estavam grudados ao pavimento. Na sala, encontrei o meu pai com o peito desfeito, os braços esgravatando por entre um mar de sangue, como se nadasse para uma margem que só ele visse. No meio desse desabar de mundo, o meu irmão Rolando permanecia sentado no seu quarto, a arma pousada no colo.

— *Não me toques* — ordenou, com estranha tranquilidade. — *Nunca mais toques em mim. Vais-te queimar.*

Guardou-se assim, imóvel, até que familiares e vizinhos invadiram a casa com seus espantos e gritos. Da janela, vi o meu irmão a ser levado pela polícia. Não havia dúvida: ele tinha disparado sobre o nosso pai, o reputado caçador Henrique Baleiro. Um acidente já previsto pela nossa mãe:

— *Armas de fogo em casa são causa de tragédia.*

Era assim que dizia Martina Baleiro. No dia em que meu pai morreu a nossa mãe já ali não estava para confirmar a sua premonição. Ela tinha morrido umas semanas antes. Uma estranha doença a consumiu num ápice. Apenas com dez anos — e num espaço de um mês — fiquei órfão de pai e mãe. E separaram de mim, para sempre, o meu mano Rolando. Por ser adolescente, foi-lhe poupada qualquer investigação policial. Estava a limpar a arma, conforme fazia regularmente por instrução paterna. Decidiram, antes, conduzi-lo para um hospital psiquiátrico. Dizem que nunca mais falou, nunca mais foi gente. Rolando era a bondade em pessoa: a sua alma sucumbiu, devorada pela má consciência. No céu noturno da lenda da nossa mãe, o meu irmão juntava-se às estrelas engolidas pelo escuro.



Meu pai era um homem que enchia o mundo, o pé dele entrava em casa e

sentíamos o balanço do seu peso como se, de repente, estivéssemos num pequeno barco. O que ele fazia era bem mais que um ofício: o nosso pai, o conceituado Henrique Baleiro, era um requisitado caçador e as suas ausências enchiam a casa de suspiros e mistérios. Homem alto e austero, era pouco dado a conversa. Se tivesse crescido apenas com ele, talvez nunca tivesse aprendido a falar. A mãe aligeirava esse lado arredio do nosso pai: ele era um emigrante das montanhas de Manica, onde crescera entre escarpas e penedias. Dele escutávamos a repetida saudade:

— *Lá onde nasci há mais terra que céu.*

Talvez por ser de outra tribo, Henrique Baleiro escolheu uma mulata como esposa. Na altura, não era usual um negro casar com alguém de outra raça. O casamento tornou-o ainda mais solitário, arredado pelos negros e excluído por mulatos e brancos. Na verdade, só entendi o meu velhote quando eu mesmo me converti num caçador. O meu pai estranhava o próprio mundo.



A rececionista do jornal é uma mulher gorda, arrastada na voz e nos gestos. Parece ter nascido assim, sentada, o traseiro semelhando um astro em competição com a Terra.

— *Venho saber do resultado do concurso.*

Agito o recorte do anúncio frente à vidraça. A voz aflautada da rececionista foi feita para se esgueirar pelas frestas do vidro quebrado:

— *O senhor é o próprio caçador?*

— *Eu sou o último caçador. E esta é a minha última caçada.*

A funcionária olha o teto como um astrónomo contempla o céu ao meio-dia. Abre à minha frente um envelope enquanto volto a falar, eufórico, certamente para adiar o momento da revelação:

— *Não sei por que publicaram o anúncio. Já não há mais caçadores. Há quem ande por aí aos tiros. Esses não são caçadores. São matadores, todos eles. E eu sou o único caçador que resta.*

— *Arcanjo Baleiro? É esse o seu nome?*

Sou o único que resta, repito sem responder à pergunta. E prossigo o meu delirante discurso. Não tarda, afirmo, que não sobrem animais. Porque esses falsos caçadores não poupam nem crias nem fêmeas grávidas, não respeitam os períodos de defeso, invadem os parques e as reservas. Gente poderosa fornece-lhes as armas e tudo, para esses matadores, se resume à sagrada trilogia: arma, dinheiro, poder.

— *É tudo carne, é tudo nhama* — suspiro, em desânimo.

Só então regresso aos olhos mortícios da mulher gorda que aguarda o final do meu arrazoado.

— *O seu nome é Arcanjo Baleiro? Pois o senhor vai poder caçar à vontade, foi você que ganhou o concurso.*

— *Posso entrar no seu gabinete? Quero dar-lhe um beijo.*

Com inesperada ligeireza, a mulher ergue-se sobre o balcão e espera de olhos fechados, como se o meu beijo fosse o único prémio de toda a sua vida.



Apressadamente me afasto do jornal, esgueirando-me por entre uma multidão de vendedores ambulantes. Vou visitar o meu irmão Rolando, no Hospital Psiquiátrico do Infulene. Ele está hospitalizado desde o acidente em que o nosso pai perdeu a vida. Há um ano que deixei de o visitar. Agora, anseio por dar-lhe a notícia do concurso. Rolando merece ser o primeiro a saber. A bem dizer, não tenho mais ninguém com quem partilhar felicidades.

A viagem de autocarro é longa. O Hospital fica bem para além dos subúrbios de madeira e zinco. Cabeça encostada na vidraça, vejo passar multidões que se aglomeram nas ruas e nos passeios. Há chão para tanta gente? E escuto o lamento saudoso do meu velhote: *Lá onde nasci há mais terra que céu!* Fecho os olhos e, por um momento, faço de conta que venho de outro lugar, cheio de terra e céu.

Às vezes interrogo-me se não devia também estar internado. A namorada do meu irmão, que se chama Luzilia e é enfermeira, está certa da minha loucura. Talvez tenha enlouquecido, não discuto. Mas pergunto: pode ter juízo quem já não tem vida? Para dizer a verdade, foi ela, essa Luzilia, que me afastou da minha própria alma. É por causa dela que escrevo este diário, na vã esperança de que, um dia, essa mulher leia os meus atabalhoados manuscritos. E não é a primeira vez que embelezo letra para Luzilia. Já antes lhe tinha escrito umas breves mas fatais linhas. O que escrevi, na altura, era um convite. O que rabisco agora é uma despedida. Um falso adeus, como tudo no caçador, é inventada ilusão. Onde, nos outros, há lembranças, em mim apenas há mentiras e miragens.



Luzilia tem razão: a minha loucura começou no dia em que um tiro rasgou o meu sono e descobri meu pai, na sala, esgravatando no seu próprio sangue. Antes de ficar órfão, tudo em mim estava intacto: a casa, o tempo, o céu onde me diziam que a minha mãe andava guardando as estrelas. De repente, porém, olhei a Vida e assustei-me: era tão infinita e eu tão pequeno e tão só. Subitamente, pisei a Terra e encolhi-me: tão poucos eram os meus pés. De repente, não havia senão o passado: a morte era uma lagoa mais escura e mais lenta que o firmamento. A mãe estava na outra margem, escrevendo cartas, e o meu pai nadava sem nunca atravessar o infinito lago.



Nada mudou no velho Hospital. Quem vem ter comigo à grande sala de espera é Luzília. Continua bela, olhar sedutor, o mesmo tique da língua humedecendo os lábios. Luzília foi enfermeira naquele hospital, nada naquele lugar lhe é estranho.

— *Estiveste fora tanto tempo...*

— *Ando por aí, ocupado* — menti.

— *Eu e o teu irmão casámos.*

Finjo-me feliz. Luzília fala e a sua voz vai ficando distante. Explica-me que Rolando teve alta na véspera do casamento e que ainda tentaram viver na sua casa. Mas não resultou. Rolando não sabia existir senão na doença. E voltou a ser hospitalizado.



Aos poucos deixo de escutar a minha recente parente. Talvez eu não saiba ser cunhado de quem eu queria como amante. Distancio-me do presente, retrocedo aos eventos de há um ano atrás. Foi naquele mesmo recinto que confessei a Luzília a grande paixão que nutria por ela. Era uma tarde vazia, dessas que se arrasta como contagiosa doença. Sem olhar o seu rosto, inspirei fundo e declarei-me à amedrontada Luzília. Como ela nada dissesse, prossegui:

— *Há uma coisa que devo dizer, Luzília: sempre que aqui venho, a este hospital, é a ti que venho visitar.*

— *Não é verdade. E o teu irmão?*

— *É por ti que venho.*

Foi então que lhe entreguei a carta. Os seus pequenos dedos mantiveram-se imóveis, demorando a leitura. A sua mão ponderava. Depois, leu a meia-voz:

*Desde que te amo, o mundo inteiro te pertence. Por isso, nunca cheguei a dar-te nada. Apenas devolvi. Não espero retribuição. Esta mensagem, contudo, pede uma resposta. À velha maneira: se gostas de mim, se me correspondestes, dobra o canto desta carta e devolve-me amanhã.*

No dia seguinte, Luzília não fez menção ao assunto. Não trouxe carta, não houve palavra. Ela não podia imaginar quanto me magoava aquela indiferença. Devia ter-me contado, mas não fui capaz.

— *Não há dobra na carta?*

Ela negou com a cabeça. Escondi a mágoa da rejeição. Como há espaço, dentro de nós, para enterrarmos as nossas pequenas mortes! Percorremos os corredores, lado a lado, num silêncio tão frio como o próprio asilo. À saída, Luzília pediu-me:

— Não deixes de vir ao hospital, por favor. O teu irmão não tem mais ninguém.

— Tens que deitar fora a minha carta.

— É o que farei.

— Foi uma grande asneira ter confessado o meu sentimento. Não o devia ter feito. Agora, devolve-me a carta.

— É minha. Não sou eu a dona de tudo?

Um ano depois, Luzília caminha à minha frente, confirmando o seu estatuto de dona da minha alma, proprietária do mundo.



O meu irmão Rolando está sentado na varanda da enfermaria olhando, como sempre, as suas próprias mãos imóveis. E é como se não tivesse passado o tempo: ali está ele, na mesma rendição perante o destino.

— Amanhã vou partir para o mato — anuncio.

Nada nele se altera. Continua olhando as mãos como se estivessem mortas.

— Vai ser a minha última caçada — acrescento.

Nesse instante, todo o seu corpo se agita, em abrupto frenesim. Subitamente, o meu irmão emerge da sua longa letargia. Com desespero de afogado sustenta-se no braço de Luzília para se aproximar de mim. Parece falar, mas não pronuncia palavra, apenas emite uma espécie de aflitos suspiros, como se engolisse o ar em porções maiores que o peito. A mulher entende o que ele quer dizer, vai anuindo com a cabeça. Entendem-se. Depois, ele volta à sua antiga cadeira, afundando-se em si mesmo. Não havendo mais que possa ser dito, Luzília acompanha-me até ao portão. Sou eu que rompo um embaraçoso silêncio.

— O que disse Rolando?

— Pediu-me que eu fosse contigo nessa caçada.

— Não é verdade!?

De olhos baixos, Luzília faz um gesto vago, como se tudo aquilo fosse um pesadelo.

— Ele sabe de alguma coisa? — perguntei.

— Que coisa?

— Do que eu sinto por ti.

— Há muito que ele sabe. Rolando leu a tua carta para mim. Encontrou-a na minha mala.

— Como foi possível?

— Nunca a deitei fora.

Rolando suspeitava: a minha última caçada era um adeus à vida. Mesmo voltando à cidade, são e salvo, eu nunca mais regressaria a mim mesmo. A loucura não era uma simples enfermidade, mas uma condenação de família. E

só a caça me salvava desse doentio destino.

Foi esse o receio que Rolando confessou a Luzilia. Em desespero, o meu irmão entregava-me uma razão para eu continuar apegado à vida. Essa razão era a única mulher que ele alguma vez tinha amado. Virei costas, apressando-me a afastar daquele lugar, quando Luzilia me fez parar:

— *Arcanjo? Não queres saber o que me apetece fazer?*

— *Não. Agora já não interessa. Simplesmente não quero que venhas. O teu lugar é aqui, ao lado de Rolando. Não foi o que escolheste?*

*Versão de Mariamar*  
(2)

O regresso do rio

*O verdadeiro nome da mulher é «Sim». Alguém manda:  
«não vais». E ela diz: «eu fico». Alguém ordena: «não fales».  
E ela permanecerá calada. Alguém comanda: «não faças».  
E ela responde: «eu renuncio».*

Provérbio do Senegal

Na noite anterior, em nossa casa a ordem tinha sido ditada: as mulheres permaneceriam enclausuradas, longe dos que iriam chegar. Mais uma vez nós éramos excluídas, apartadas, apagadas.

Na manhã seguinte, adiantei-me nos trabalhos caseiros. Queria poupar minha mãe que, desde cedo, se prostrara à entrada do pátio. A um certo momento, derramei-me a seu lado, decidida a repartir com ela o peso de quem sente a alma. Ignorou-me, no início. Depois, resmungou, entredentes:

— *Esta aldeia matou a sua irmã. Matou-me a mim. Agora, nunca mais mata ninguém.*

— *Por favor, mãe. Acabámos de enterrar uma de nós.*

— *Nós todas, mulheres, há muito que fomos enterradas. Seu pai me enterrou; sua avó, sua bisavó, todas foram sepultadas vivas.*

Hanifa Assulua tinha razão: talvez eu, sem saber, já estivesse enterrada. De tanto desconhecer o amor, eu estava sepultada. A nossa aldeia era um cemitério vivo, visitado apenas pelos seus próprios moradores. Olhei o casario que se estendia pelo vale. As casas descoloridas, tristonhas, como que arrependidas de terem emergido do chão. Pobre Kulumani que nunca desejou ser aldeia. Pobre de mim que nunca desejei ser nada.

Veze sem conta a nossa mãe tinha suplicado que fôssemos para a cidade.

— *Peço, marido, por tudo o que há no sagrado: vamos embora.*

— *Você quer, você vai.*

— *Deixaremos alguém tratando das campas.*

— *É o contrário, mulher: se formos, as campas é que deixarão de tratar de nós.*



Sacudi lembranças. De que valia apurar, agora, esses azedos antigos? Se estivéssemos apegados ao passado, como poderia Silênciã, ainda falecente, chorar em nossos olhos?

— *O pai queixa-se de que, ontem, a mãe desafiou os mandamentos do luto. É verdade que ofendeu os espíritos?*

— *Dou-lhe um conselho, minha filha: quando fizer amor, faça dentro do rio, dentro da água, como os peixes.*

— *Por amor de Deus: isso não é conversa de uma mãe!*

— *Pois lhe digo: fazer amor na água é melhor do que na cama.*

— *Como sabe?*

— *Eu vejo a vizinha.*

— *A vizinha? Não pode, ela é totalmente viúva.*

Sorriu, com malícia, e confessou: escondida na margem, ela espreitava a vizinha a banhar-se sozinha. As mãos dessa mulher, aos poucos, se convertiam nas mãos de outras criaturas e semeavam em seu corpo arrepios nunca antes sentidos.

— *A vizinha me ensinou uma vingança contra os homens...*

Entendia eu o que aquela confissão escondia? A vizinha só fazia amor com os mortos. Era isso que Hanifa me estava dizendo. Gerações e gerações de falecidos desfilaram pelos braços da nossa vizinha. Gente de longe, gente de raça, gente que nunca foi gente: todos se acenderam no seu líquido leite. De todos esses amores, cada um por si escolhido, aquela mulher só colhia vantagens: não havia doença, não havia traição, não havia risco de engravidar. Restavam simples lembranças, sem cinza nem semente. Apenas longe dos vivos, as mulheres de Kulumani encontram correspondidos amores: era isso que minha mãe me ensinava.

— *A ordem do seu pai está certa. A partir de hoje, você não sai de casa.*

Que aquela reclusão fosse vontade de meu pai, isso em nada me surpreendia. Estranhei, sim, o modo entusiástico com que minha mãe apoiava agora a decisão do marido.

— *É isso mesmo, Mariamar: vai ficar aqui, bem trancada!*

Depois, pensei: talvez não fosse tão desconcertante esse empenho em me afastar de quem chegava. A mãe desconhecia o amor. Vantagem tinha a vizinha: no leito do rio, ela amara e fora amada. Em contrapartida, Hanifa Assulua receava a estrada, a viagem, a cidade. Não era a minha saída que a afligia. Era o despeito de ninguém a querer levar a ela. Outras mães, em outros lugares, teriam desejado que as filhas florescessem pelo mundo. A minha família, porém, fora contaminada pela mesquinhez que dominava a nossa aldeia.

Quem viesse de fora, como esses que estavam chegando agora, acreditaria que os habitantes da aldeia são puros e bons. Puro engano. Os de Kulumani são hospitaleiros para quem é longínquo e estranho. Mas entre eles reina a inveja e a maledicência. Por isso o nosso avô sempre relembrava:

— *Nem precisamos de inimigos. Sempre nos bastámos a nós mesmos para nos derrotarmos.*



Quanto mais vazia a vida, mais ela é habitada por aqueles que já foram: os exilados, os loucos, os falecidos. Em Kulumani, todos idolatramos os nossos mortos, todos guardamos neles as raízes dos sonhos. O meu morto maior é Adjiru Kapitamor. Em rigor, ele é o irmão mais velho de minha mãe. Na nossa terra, designamos de «avô» todos os tios maternos. Adjiru é, aliás, o único avô que conheci. Chamamo-lo, em casa, de *anakulu*, «o nosso mais antigo». Ninguém soube nunca a sua idade, nem ele mesmo tinha ideia de quando nascera. A verdade é que se proclamava tão perene que atribuía a si próprio a autoria do rio que atravessa a aldeia.

— *Fui eu que fiz este rio, o Lundi Lideia* — defendia, com altivez.

Era longa a lista das suas fabulosas fabricações: para além do rio, o avô já confeccionara penedos, abismos e chuvas. Tudo graças às poderosas *mintela*, as mezinhas e os amuletos dos feiticeiros. Contudo, ele negava o grave estatuto:

— *Não sou feiticeiro, sou apenas velho.*

No tempo colonial, o seu pai, o venerado Muarimi, exerceu funções de capitão-mor. Cobrava impostos e resolvia conflitos locais a favor dos colonos. Esse cargo custou a meu bisavô culpas, invejas e duradouras inimizades. A nossa família, contudo, ganhou o nome que agora ostenta: os Kapitamosos. Numa terra sem bandeira, nós erguíamos essa emprestada insígnia como se fosse um direito natural e milenar.

Ao arrepio da tradição familiar, o avô Adjiru se entregou a uma distinta ocupação: a caça. Era isso que ele era, por vocação e juramento: um caçador. *A arma é a minha alma*, dizia. Por acidente matou um homem, no cerco a um leopardo, para os lados de Quionga. Para se purificar desse sangue teria que se esfregar em cinzas de árvores. Recusou o ritual: para ele, um assimilado, aquilo era uma insuportável humilhação. Ficou interdito de caçar, limitando-se a atuar como pisteiro. Com a dignidade de um rei, aceitou essa despromoção. Até ao dia em que morreu, não perdeu o porte nobre. Exercendo serviços de chão, continuou sendo ele a derramar sombra em todo Kulumani. E agora, que a aldeia estremecia perante a ameaça dos leões, todos sentiam saudade dessa divina proteção.

Meu pai, Genito Serafim Mpepe, podia também ter sido caçador, por pleno direito. Preferiu, contudo, ficar por pisteiro, em solidariedade para com o seu falecido mentor. Despromovido um, despromovido o outro. Em tudo, afinal, Genito ambicionava seguir as passadas do destronado caçador. Todavia, o estatuto do avô era inalcançável. Adjiru fora mais que um *mweniekaya*, um chefe de família. A sua autoridade sempre se estendeu a toda a vizinhança. Era um mando silencioso, sem proclamação, de quem exerce grandeza sem precisar de palavra. Mas eu, Mariamar, era para ele uma pessoa especial. Para mim, o nosso « mais antigo » reservara o mais enigmático presságio:

— *Você, Mariamar, veio do rio. E ainda há de surpreender a todos: um dia, você irá para onde o rio vai* — vaticinou ele.



Sou mulher, o meu destino nunca poderia ser a viagem. Contudo, Adjiru Kapitamoso estava certo. Porque passaram apenas dois dias do enterro de Silência e eu sigo em viagem de almadia, correnteza abaixo. Fujo da ordem de prisão do meu congénito carcereiro, Genito Mpepe. Para escapar de Kulumani não há estrada, não há mato. Na estrada está o meu pai. No mato estão os leões matadores. Toda a saída é uma emboscada. O único caminho que me resta é o rio. Este fio de água foi batizado de Lideia, que é o nome das rolas que nos visitam na estação das chuvas. Passaria bem como um riacho anónimo, mas nós temíamos que, caso permanecesse inominado, ele se extinguiria para sempre. Quem lhe deu nome, dizem, foi o avô Adjiru Kapitamoso. E nós fingíamos acreditar.

Assim, vamos agora seguindo ambos: o rio Lideia com o seu nome de ave; e eu, Mariamar, com o nome de água. Viajo contra o destino, mas a favor da corrente. Durante todo o tempo a canoa vai simulando obediência. Quem a conduz não são os meus braços. São forças que prefiro desconhecer. Novembro é o mês das rezas para que a chuva desça. E eu rezo por uma terra onde me possa deitar como a chuva, sem peso e sem corpo.



Dizem que este rio, mais longe, atravessa a cidade. Duvido. Este meu rio que nem português fala, este rio repleto de peixes que só conhecem os seus nomes em shimakonde, não acredito que deixem entrar este rio na cidade. Também a mim me interditarão passagem, se algum dia bater à porta da capital.



*Obedeça a tudo, menos ao amor*, assim me dizia Silência, a minha pobre irmã. São razões de amor que me fazem sair de Kulumani, distanciando-me de mim, dos temores presentes, dos futuros pesadelos. Não é tanto a vontade de romper amarras que me conduz à desobediência. O motivo maior é outro: cometo esta loucura por causa da anunciada chegada dos visitantes. Por causa de um deles, afinal: Arcanjo Baleiro, o caçador. Esse homem, em tempos, caçou-me a mim. Desde então nunca mais tive sossego. Fugir de um amor é o modo mais total de lhe obedecer. Quanto mais senhora de mim, mais escrava desse amor. Não há, neste mundo, rio que me liberte dessa armadilha.



Arcanjo Baleiro aconteceu-me há dezasseis anos. Eu tinha igualmente dezasseis anos quando ele se cruzou comigo. Não passava de uma menina, mas os meus sonhos tinham envelhecido, mais do que o meu corpo. O único fito que me restava era ficar longe de Kulumani. Nas tardes de domingo assaltava a capoeira da Missão Católica para vender galinhas na berma da estrada. A minha intenção era amealhar uns dinheiros para fugir para a cidade. Todavia, a estrada estava quase deserta, com raríssimos viajantes. A guerra acabara nesse mesmo ano de 1992, mas restava ainda um invisível garrote asfixiando o nosso lugar.

Nunca entendi por que motivo tantos vendedores se aglomeravam junto à estrada morta. Talvez fosse uma espécie de reza, uma forma de nos ajoelmos perante o destino. Ou talvez fosse porque ocasionalmente por ali já despontassem

camhões de madeireiros furtivos. Aqueles negócios eram propriedade de gente poderosa, a quem chamamos de « donos da terra ». Passasse quem passasse, eu levantava os galináceos no ar e as asas agitavam-se num voo breve e cego. Nunca ninguém parou, nunca ninguém comprou. Com um estúpido cacarejo, as aves voltavam a pender da minha mão, como se lhes pesasse o arremesso de pássaro que, por instantes, elas tinham ousado.

Certa vez, o polícia Maliqueto Próprio — o único agente da ordem em Kulumani — aproximou-se, todo investido de importâncias, e me abordou querendo saber da proveniência das mercadorias. Apontou as galinhas, como prova de crime. Que as tinha roubado, acusou. E que o acompanhasse, ordenou.

— *Para a esquadra?* — perguntei, estremecendo.

— *Bem sabe que não há esquadra em Kulumani. Eu tenho os meus próprios calabouços.*

Os abusos de Maliqueto eram por demais conhecidos. Naquele momento o seu turvo olhar apenas confirmava as suas malévolas intenções. A luz faltou-me, as pernas fraquejaram-me. O cano da espingarda encostada nas minhas costas não me autorizava demoras.

— *Por favor, não me faça mal.*

Foi então que surgiu Arcanjo Baleiro, como um cavaleiro nascido do nada. Parou à minha frente, montado numa motocicleta, imperador soberbo e soberano mandador do mundo. O polícia enfrentou o intruso, medindo-o dos pés à cabeça. Após um ponderado silêncio, decidiu retirar-se. Não sei se o caçador entendeu a oportunidade da sua aparição, mas ele sorria quando me interpelou:

— *Posso levar uma galinha?*

Era a mim que eu queria que ele levasse. O homem fitou-me, com aparente surpresa. De súbito, senti o peso da vergonha: nunca antes tinha sido olhada. Era como se o meu corpo, naquele momento, nascesse finalmente em mim.

— *Esses olhos* — suspirou ele. — *Ai, esses olhos!*

O meu rosto se abateu e me vi suspensa, ave sem voo e sem voz.

— *Esse corpo fica-lhe muito bem* — murmurou o visitante.

A fala dele despia-me o corpo e a alma. Para escapar daquela tontura, retirei-me para uma sombra junto ao rio. O homem seguiu-me, empurrando a motorizada.

— *Quer vir comigo a Palma?*

— *À vila? Não posso.*

— *Levo-a e trago-a na moto. Vamos por um atalho junto ao rio, ninguém nos vai ver.*

— *Não posso, já disse.*

— *Vamos assistir televisão, não quer?*

Olhei, devagar, a paisagem em redor. Como era grande, infinitamente grande o mundo! O universo era imenso e o visitante esperava uma resposta. Tantas coisas me passaram pela cabeça! Me ocorreu, por exemplo, pedir ao caçador que, se ele tinha uma motorizada, que ajudasse a minha mãe a carregar água. Que ajudasse as mulheres de Kulumani a buscar lenha, a coletar barro, a

transportar as colheitas das machambas. E, sobretudo, que não me pedisse nada a mim.

Em silêncio, demorei o olhar sobre as águas do Lideia. Cansado de esperar, Arcanjo perguntou pelo nome daquele rio. Que ele vinha ali caçar um feroz crocodilo que andava a semear o terror. Não faria isso sem saber como se chamava o rio.

Suspirei. O visitante não queria saber do meu nome. Apenas a paisagem o parecia interessar.

— *Lundi Lideia, nome completo* — respondi, displicente. — *Mas tratamo-lo simplesmente por Lideia.*

— *E o que significa?*

— *Lideia é o nome que damos a uma espécie de rola.*

— *Uma rola?* — interrogou-se Arcanjo. Depois riu-se, achando graça a algo que me escapava. — *Está certo, há rios que nos fazem voar.*

Foi assim que falou o caçador. Despedimo-nos olhando o rio, esse mesmo rio que me serve agora de caminho para me afastar de Kulumani, escapar da família e sair da minha própria vida.



Quando, ainda madrugada, me lancei nesta viagem o meu propósito era avisar o caçador da emboscada que contra ele se preparava. O meu plano era simples: saltaria da canoa junto à ponte, correria para a estrada e ali faria espera aos visitantes. Há dezasseis anos, Arcanjo me salvara da ameaça do abusador polícia. Desta feita, seria eu a salvá-lo a ele. E já me via, no meio da estrada, agitando os braços como incansáveis bandeiras. Quem sabe o caçador me abraçaria e me ergueria pelos céus num estonteante voo?

À medida que vou descendo o rio, porém, um outro sentimento vai tomando conta de mim. Eu não vou ao encontro do caçador. Antes estou fugindo dele. Por que razão escapo do único ser que me terá amado? Não sei responder. A minha mãe costuma dizer que a água arredonda as pedras como a mulher molda a alma dos homens. Podia ter sido assim comigo. Não foi. Não houve nem amor, nem homem, nem alma. O que sucedeu é que, com o tempo, deixei de ter esperas. E quem deixa de ter esperas é porque já deixou de viver. E é por isso que fujo: tenho medo de ser devorada. Não pela ansiedade que mora dentro de mim. Devorada pelo vazio de não amar. Devorada pelo desejo de ser amada.



A canoa chega, enfim, a um remanso de fundos lípidos. Esse remanso é tido como um lugar sagrado, onde apenas os feiticeiros ousam chegar. Na aldeia

se diz que é ali que a água faz o seu ninho. Os mais velhos chamam a este lugar de *lyali wakati*, o «ovo do tempo». Aquele sossego de paraíso deveria sossegar-me, mas não. Porque me apercebo de que a canoa estancou e, por mais que me esforce, não saio do sítio. Não há corrente, não há remoinho. Mas a almadia está paralizada no leito do Lideia. Apenas se deve estar cumprindo a velha regra: toda a terra pequena tem braços grandes. Por muito que partamos, nunca dela saímos. *Maldita terra tão sem céu que até as nuvens é preciso desenterrar*, era assim que resmungava o avô Adjiru. É assim que amaldiçoo agora a minha terra natal.

Um tremor me sacode, o coração salta-me pela garganta quando, de pé sobre o fundo dançante da canoa, adivinho uma oculta presença na margem. Mesmo sendo mulher, herdei o instinto caçador que corre na nossa família. Sei de sombras que se movem entre sombras, sei de cheiros e sinais que mais ninguém sabe. E, agora, tenho a certeza: há um animal na margem! Há um furtivo bicho que se vai esgueirando por entre as folhagens da berma.

E, de súbito, ela ali está: a leoa! Vem beber naquela suave margem do rio. Contempla-me sem medo nem alvoroço. Como se há muito me esperasse, ergue a cabeça e crava-me fundo o seu inquisitivo olhar. Não há tensão no seu porte. Dir-se-ia que me reconhece. Mais do que isso: a leoa saúda-me, com respeito de irmã. Demoramo-nos nessa mútua contemplação e, aos poucos, um religioso sentimento de harmonia se instala em mim.

Saciada a sede, a leoa espreguiça-se como se quisesse que um outro corpo lhe saísse do corpo. Depois, vai-se retirando lentamente, a cauda balançando como um pêndulo felpudo, cada passo uma carícia sobre a superfície da terra. Sorrio, com incontida vaidade. Todos acreditam que são leões machos que ameaçam a aldeia. Não são. É esta leoa, delicada e feminina como uma dançarina, majestosa e sublime como uma deusa, é esta leoa que tanto terror tem espalhado em todas as vizinhanças. Homens poderosos, guerreiros munidos de sofisticadas armas: todos se prostraram, escravos de medo, vencidos pela sua própria impotência.

Uma vez mais, a leoa volta a demorar em mim o seu olhar e, depois, ronda em círculo antes de desaparecer. Qualquer coisa, que não conseguirei nunca descrever, subitamente me rouba discernimento e o grito me irrompe do peito:

— *Mana! Minha irmã!*

Os meus pulsos firmam-se, com desespero, nos remos, apressando a canoa de encontro à margem:

— *Silêncio! Uminha! Igualita!*

Os nomes das minhas falecidas irmãs reverberam naquele cenário de brumas. Da cabeça aos pés estremeço: acabava de desafiar os sagrados preceitos de não pronunciar o nome dos mortos. Atraídos pelo chamamento, os falecidos podem reaparecer no mundo. Talvez fosse essa a minha secreta pretensão. Um desesperado ímpeto me faz voltar a desobedecer:

— *Sou eu, mana, sou eu, Mariamar!*

Compenetro-me, então, do absurdo da minha condição: eu, que nunca levantara a voz, gritava agora por quem não pode escutar. Têm razão os que me acusam: estou louca, perdi o mando em mim. E desabo em pranto, como se

estivesse reparando o quanto não chorei quando nasci. Adjiru tinha razão: tristeza não é chorar. Tristeza é não ter para quem chorar.

— *Não me deixem, por favor, levem-me convosco.*

O chamamento ecoa pela floresta e, por um segundo, parece-me que outras vozes clamam por Silência. Mas a vegetação se encerra, espessa e imóvel. No lugar onde a leoa acabou de beber há agora uma mancha vermelha que rapidamente se espalha pela superfície da água. De repente, todo o rio se avermelha, e estou navegando em sangue. O mesmo sangue que, sempre que sonhei dar à luz, escapou por entre as minhas coxas, esse mesmo sangue está fluindo na corrente. Adjiru Kapitamoro, meu avô, estava certo: este rio nasceu de suas mãos, tal como eu nasci do seu afeto. E então, entendo: mais do que a terra, a minha prisão era o avô Adjiru. Tinha sido ele que imobilizara a canoa e me prendera no remanso sagrado do rio Lideia.

— *Por favor, avô — imploro. — Deixe-me navegar, rio abaixo.*

Enrosco-me no ventre da almadia, deito-me a buscar o sono dos que ainda não nasceram. Inesperadamente, uma outra canoa atravessa o silêncio e, para meu sobressalto, se vai aproximando como um furtivo crocodilo. Só pode ser Adjiru que me vem resgatar. Garganta presa, chamo:

— *Avô?*

As embarcações estão agora juntas e um vulto ergue-se sobre mim para amarrar uma corda à trave de apoio dos remos. O intruso está em contraluz, não vejo senão a escura silhueta. Não quero perder um instante, aponto para a margem e anuncio:

— *Estava ali! A leoa estava ali. Vamos, avô, ela ainda deve estar perto.*

— *Sente-se, Mariamar.*

Assusto-me: não é Adjiru. Quem ali está é Maliqueto Próprio, o solitário verdugo da aldeia. Sem dizer palavra, vai-me trazendo, de arrasto, a Kulumani. A meio do caminho pousa os remos e encara-me fixamente até que a embarcação, abandonada, volta a descer o rio, ao sabor da corrente.

— *Você deve-me alguma coisa, Mariamar. Não se lembra? Aqui é um bom lugar para cobrar o que me deve.*

Vai-se libertando da roupa, enquanto se aproxima, rastejante e baboso. Estranhamente, não o receio. Para meu próprio assombro, toda eriçada, avanço sobre Maliqueto, gritando, cuspidando e arranhando. Entre temor e espanto, o polícia recua e constata, horrorizado, os fundos rasgões que lhe causei nos braços.

— *Grande cabra, querias matar-me!?*

Enrola a camisa nos ombros para esconder as feridas e apressadamente retoma a viagem para Kulumani. Enquanto rema, vai repetindo, em surdina:

— *Está louca, a gaja está completamente louca.*

Na margem, esperam Florindo Makwala, o administrador, e meu pai Genito Mpepe. Antecipo-me, a tensão turvando-me a voz:

— *Eu vi, eu vi! Era a leoa, pai! E era verdadeira. Não era fabricada.*

— *Mentira. Não vale a pena vir com histórias, porque eu lhe vou castigar.*

— *Vi, pai. No remanso, uma leoa. Tenho a certeza absoluta.*

Para me contradizer, Maliqueto argumenta: que não havia nada para se ver.

E mesmo que eu tivesse visto, como poderia ter a certeza de que se tratava de uma fêmea? Os leões machos, nesta região, são pequenos e quase não têm juba.

O chefe de posto avança com cuidado para não molhar os pés e, guardando cuidadosa distância, ordena a meu pai:

— *Não quero essa menina em contacto com a delegação.*

— *Vai ficar em casa, pode ficar descansado, camarada chefe. Vou amarrá-la no quintal.*

— *Quero-a longe dos visitantes. E você, Maliqueto, o que se passa? Está a sangrar?*

— *Magoei-me nas cordas, chefe. E, já agora, se me permite, posso falar alguma coisa, chefe?*

— *Fala.*

— *A cabeça da sua filha, camarada Mpepe, já não funcionava, mas agora até dá medo. Como é que ela se aventura a visitar sozinha aquele lugar sagrado?*

— *Tem razão, Maliqueto. Você não sabe o que fizeram a Tãndi, que andou a passear por onde não devia?*

Os três homens ocupam-se com as manobras de acostagem. Sentada na margem, dou conta de como uma canoa se assemelha a um caixão. O mesmo bojudó ventre, o mesmo itinerário para fora do tempo. O rio não me levou ao destino. Mas a viagem conduziu-me a quem de mim estava apartada: a leoa, minha esperada irmã.

*Diário do caçador*  
(2)

A viagem

*A minha rede de captura de borboletas está suspensa, espero apenas que a mariposa me instigue através dos seus recuos, das suas hesitações. Como ficaria feliz se me pudesse dissolver em luz e ar, apenas com o intuito de me aproximar e ser capaz de a dominar. Entre mim e a presa, agora, a velha lei da caça se instala: quanto mais eu, com todo o meu ser, tento obedecer ao animal, mais me converto, corpo e alma, em borboleta. Quanto mais perto estou de cumprir o desejo de caçador, mais esta borboleta ganha a forma da vontade humana. No final, é como se a captura fosse o preço que tenho que pagar para recuperar minha existência humana. [...] No regresso da caça, o espírito da criatura condenada toma posse do caçador.*

Tradução livre de excerto de *A caça à borboleta*,  
de Walter Benjamin

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A Confissão da Leoa"  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).